



NOTAS PORTUGUESAS

A questão do filme nacional



DISSEMOS e sustentamos que a pequena produção muda nacional não deve ser sufocada com o advento do filme sonoro, quer nós nos disponhamos a produzi-lo, quer nos limitemos ser importadores e exibidores das obras sonoras e faladas, de qualquer proveniência e de qualquer qualidade, que se fabrique lá fora, como já acontecia com o silencioso.

Ao escrever «pequena produção», queremos aludir, naturalmente, ao comprimento das fitas, mas é bom, e até essencial, não esquecer que o valor e a categoria delas, embora mudas, não residem na sua metragem, e que as há curtas e pouco dispendiosas, mas reveladoras de muito talento e muita originalidade, como as há extensas e caras, destituídas de todo o mérito.

Quando a lei estabeleceu disposições tendentes a patrocinar a produção nacional, impondo-a aos exibidores, houve um lapso cujas tristes consequências verificaram, a breve trecho, quantos frequentam as salas escuras: ausência de competente fiscalização ou censura estética oficial. Se os proprietários de moinhos de imagens não escrupulizam na escolha do que, neste capítulo da pequena produção portuguesa, fazem projectar nas salas, cumpre atribuí-lo à inexistência dessa fiscalização ou censura.

A lei dos cem metros foi sempre uma incompreensível contrariedade para a maior parte dos exibidores. Forçando-os à apresentação de pequenos documentários nacionais, submetem-se eles; mas sem ligar nenhuma importância a semelhantes trabalhos e aceitando toda a burundanga que lhes oferecessem, desde que a pagassem por um preço irrisório. Assim faltou o estímulo para quem, com as melhores intenções de produzir alguma coisa de geito, desistiu de o fazer, em face de se lhe negar uma remuneração compensadora. Dentro de cem ou de cento e cinqüenta metros, pouco se poderia apresentar digno de constituir um atractivo? Convenhamos, ainda que sem grande convicção; mas favorecessem as casas exibidoras essa produção nacional, tornando-a ao mesmo tempo mais perfeita e mais extensa e conseguindo do Estado, para o efeito, regalias mais amplas, e o rumo teria sido outro.

Num mínimo de trezentos metros, por exemplo,

maior ensejo haveria para entremostrear as possibilidades dos nossos directores e operadores. Quando a'guma vez assim se procedeu e vimos substituídos os simulacros horrendos de documentários «legais» por documentários artisticos valiosos, se bem que mais extensos (*Nazareth, terra de pescadores; Alfama, etc.*), não consta que produtores e exibidores houvessem perdido dinheiro, antes pelo contrário, a despeito das despesas efectuadas. Quere dizer: não só prestaram um bom serviço ao cinema português, mas viram compensados materialmente os seus esforços.

Desconhecemos o teor da lei sobre Cinema prestes a sair e não calculamos quais sejam as providências destinadas a fomentar a boa produção nacional. Lastimariamos, porém, sinceramente, que elas não atentassem neste importante e grave aspecto do problema da nossa cinematografia.

Alegar-se há que o filme silencioso morreu e que o momento é para se realizarem filmes sonoros, cantados e falados.

Que o momento e o futuro pertençam ao chamado filme integral, isto é, sonoro, cantado ou falado, não o pomos em dúvida. Integral, enquanto não chegarem, definitivamente, a côr e o relêvo. Mas o filme silencioso, um dia sonorizável; o filme em que algumas passagens poderão ter música, ruídos, canto; o filme documentário, educativo, cultural, êsse filme subsistirá de algum modo; e entre nós, produzido por nós, ainda tem hoje o seu lugar, mercê de variadíssimas razões, como seja a de revelar e exercitar competências, a de concorrer para a instrução dum povo cujo atrazo é manifesto e a de alimentar muitas dezenas de animatógrafos modestos, espalhados de norte a sul do país.

Insistir-se há em que o mudo está morto e enterrado. Mas quantos filmes mudos não estamos vendo exhibir acompanhados de uma posterior sincronização musical? E quantos pequenos filmes silenciosos poderemos produzir, que podem oportunamente sincronizar-se?

Por outro lado, na produção cinematográfica muda, deixámos entrever qualidades apreciabilíssimas; no entanto, por virtude de deficiências de vária ordem que ainda não estão removidas, não lográmos realizar

afirmações que nos dispensem de esperar novos testemunhos de uma arte e duma sciencia em que temos sido quasi apenas uns «curiosos»...

Que a lei, pois, antes de sair, seja bem ponderada, a fim de que o que nela venha a ser preceituado sirva tam somente os interesses gerais e nunca apenas os particulares, não por deliberação propositada e intencional de quem legisle, o que seria absurdo, mas por sugestões alheias feitas no sentido de utilizar a uma minoria.



A questão do filme falado em português continúa na ordem do dia. *O Globo*, interessante semanário moderno, transcreveu dum nosso artigo do *Século* as palavras que escrevemos em favor da realização de películas na nossa língua e caracterizadamente nacionais pela atmosfera, pelos costumes, pela psicologia, pela paisagem. A transcrição foi comentada por Jaime Brasil que se não dispensou de a acompanhar de tam exageradas palavras de carinhoso aprêço que nos impossibilitam de aqui repetir o que, de viva voz, tantas vezes temos dito em louvor do talento multiforme dêste jovem e operoso jornalista que na sua geração ocupa um lugar de justo e inconfundível realce. Os adversários do elogio mútuo teriam tema para acidulados gracejos.

Do que não estamos inibidos é de reproduzir as considerações de Jaime Brasil. Ei-las:

«As suas judiciosas e autorizadas palavras têm, neste momento, o efeito duma réplica ao conceito, que já vimos defendido na imprensa, de que os filmes em idiomas estrangeiros são excelentes meios para o ensino de... línguas.

«Temos notado que as pessoas ferozmente nacionalistas são as que mais largos e voluntários tributos pagam ao estrangeiro, importando tudo: as ideias, os *cheviottes*, os livros e os frascos de perfumes, os filmes e o resto. São precisamente, porém, os que anelam por uma confraternização universal dos povos, que são apodados depreciativamente de «sem pátria» e tidos por indesejáveis. Contudo, a riqueza nacional é obra dêles, são êles quem consome os produtos nacionais, quem fala e conserva a língua pátria! Vão lá entender-se êstes contrasensos!

Defender os filmes sonoros em idiomas estrangeiros só é possível por dois motivos: servir os interesses das emprêsas produtoras e distribuidoras dêsses filmes ou procurar que êles se conservem na roda estriada do burguesismo semi culto e não possam ser apreciados pelo povo.

«Defendê-los, porém, com exclusão do emprêço do idioma nacional chega a ser um crime, tanto isso repugna aos interesses colectivos da cultura e do trabalho. Podem produzir-se filmes sonoros em Portugal, como na China ou em Andorra, abrindo campo a iniciativas, à revelação de valores, ao trabalho intelectual ou físico. Isso não se fará, porém, porque uns senhores pretendem ouvir filmes em alemão ou inglês,

idiomas que embora não sejam «habituais» para os outros o são para S. S. Ex.^{as}»

«Não aplaudimos por chauvinismo. O sentimento patriótico está fóra do âmbito da nossa affectividade.

«Tem de ser à luz dum critério materialista que o problema deve analisar-se. Estamos num território, onde a maioria da população só compreende a língua portuguesa. Logo, quem quizer fazer-se entender por ela tem de falar-lhe em português.

«A arte destinada a congregar todas as outras é a cinematografia. Sucederá às artes estáticas, que já se decompõem e decaem, procurando uma dinamização, impossível de obter sem o movimento real. Só a sinfonia das imagens satisfará de futuro, a necessidade de emoções estéticas. Essa sinfonia só o será inteiramente com o aproveitamento da palavra humana.

«O teatro, com todos os seus ridículos e insufficiências, é ainda uma arte aliciante, porque tem movimento e tem palavras. A mimica por si só é um elemento de fenómeno artístico. Até os fantoches falam.

«Os recentes aperfeiçoamentos da cinetofonia abrem novas perspectivas à difusão da cultura. Os filmes didáticos sonoros, para crianças e adultos, resolvem o problema da instrução popular. A escola, amanhã, será um salão de projecções e audições. Desde as primeiras letras aos mais complicados estudos de investigação scientifica tudo terá, na película sonora, o seu meio lógico de penetração.

«A disseminação de conhecimentos, num país não só de analfabetos mas de refractários à cultura, como é Portugal, tem que se fazer, intensamente, por meio do filme sonoro. Este, a radiofonia, a televisão, substituirão, em breve, o livro e o jornal, que — provou-se — não foram suficientes para levar a cultura a todas as intelligencias aptas.

«A redenção da humanidade inferior pelo cinema sonoro eleva essa criação do engenho humano à categoria de divindade nova. É mister, porém, humanizá-la, como a todos os deuses, e não torná-la inacessível e esotérica.

«Assim, como se pede pão para todos, devemos pedir cinema para todos. Cinema barato e acessível, sobretudo, compreensível. Coloquem uma sala de cinema ao lado de cada igreja das nossas aldeias e verão qual das duas tem maior frequência.

«Os filmes educativos, quer sob o aspecto moral quer intelectual, escasso desenvolvimento tem tido. Compreende-se. O público especial a quem seriam úteis difficilmente os entenderia. As legendas, por muito expressivas que fôsem, precisavam de ser lidas. Com o sonoro, essas difficuldades desaparecem. As lições dos mestres, as conferências dos sábios, os espectáculos teatraes e líricos, tudo pode ser visto e ouvido através do cinema. Essa maravilha moderna tem que ser tornada popular, levada a todos os recantos onde se entenda a língua portuguesa: às nossas aldeias e às colónias de além mar, ao Brasil ;m.nso e à Africa grandiosa.

«Dentro em pouco, cinqüenta milhões de seres



(Conclusão da pág. 2)

●● Que o São Luís mostrou desejos de apresentar na sua tela as três notáveis produções sonoras da Ufa: *O Anjo Azul*, *Melodia do Coração* e *Valsa do amor*.

●● Que *O Anjo Azul* tem uma alta categoria em todo o sentido e particularmente como falado.

●● Que o Tivoli também acaricia a ideia de exhibir na sua sala essas fitas.

●● Que há quem conjecture que elas serão exibidas no Central-Cinema.

●● Que o Cinema Condes volta na próxima época a ter uma pequena orquestra para acompanhar a parte muda dos seus programas.

●● Que a firma Castello Lopes Lda tem para estrear na futura época cerca de oitenta películas silenciosas.

●● Que o aparelho sonoro que vai para o Odéon é um Western Electric.

●● Que o cinema Chiado Terrasse também instalará um aparelho da mesma marca para fazer exhibições sonoras.

●● Que o Royal Cine estreará, a seguir ao actual programa da «Metro», o filme sonoro da Paramount, *As quatro penas*.

●● Que, terminada a exploração deste último filme, a referida sala fará, duas vezes por semana, exhibições de todos os filmes sonoros da Metro-Goldwyn-Mayer.

●● Que é muito possível que no mesmo cinema sejam repostos alguns filmes estreados no Politeama.

●● Que a inauguração da futura temporada no Royal-Cine se fará com um sensacional programa sonoro da Metro-Goldwyn Mayer.

●● Que o sr. Antero Faro está dirigindo, para a «Studio Film», um documentário de grande metragem sobre as importantes obras do novo Arsenal de Marinha, no Alfeite.

●● Que o mesmo documentário é feito por conta dos alemães que dirigem a obra e para ser exibido na Alemanha.

●● Que uma cópia do mesmo será exibida em Portugal.

●● Que o operador é o sr. Victorino de Abreu.

●● Que o caricaturista sr. Teixeira Cabral continua trabalhando no seu filme de caricaturas animadas.

●● Que as principais figuras focadas são, na sua maioria, entidades políticas internacionais.

●● Que este trabalho levará cerca de seis meses.

●● Que os srs. Arnaldo Coimbra e Antero Faro

entenderão este idioma. A centésima parte constitui já um público apreciável.

Cinema em português e para portugueses é o que se pretende. Deixemos o outro para aplicações práticas do Método Berlitz...»

A corrente a que Jaime Brasil e *O Globo* trou-

tencionam sonorizar, no seu filme *Almas Heróicas*, algumas das canções nacionais.

●● Que para cantar as mesmas canções foi convidado o sr. dr. Edmundo Betencourt, que aceitou.

●● Que Leitão de Barros aceitaria com muito agrado o encargo de encenador em Paris da versão portuguesa de alguma das comédias ali realizadas para a Paramount.

●● Que os «cultivadores da canção nacional» aguardam o momento de chorar o fadinho diante do microfone.

●● Que ainda não há notícias da estreia do filme *Ver e Amar* em cinemas estrangeiros.

●● Que é desejo da empresa do Tivoli apresentar, na próxima temporada, alguns programas constituídos por duas partes, uma silenciosa e outra sonora.

●● Que o sr. Alberto de Castro Neves, *regisseur*-assistente dum conhecido encenador francês que já trabalhou entre nós, organizou uma nova firma produtora de filmes portugueses.

●● Que a razão social desta é «Atlantida-Film; Lda».

●● Que faz parte da firma o pintor Eduardo Malta.

●● Que os capitais da nova empresa asseguram uma produção continua.

●● Que os elencos de todos os seus filmes serão constituídos por artistas portugueses.

●● Que a direcção técnica foi confiada ao realizador francês, M. Maurice Marlaud, e ao chefe dos operadores, M. Henri Paul Dron.

●● Que todos os filmes feitos pela nova entidade possuirão as características necessárias para serem sonorizados.

●● Que o primeiro filme deve começar a ser manivelado nos meados da semana próxima.

●● Que são seus principais intérpretes Eduardo Malta, que se estreia como artista de cinema, e o sr. Alberto de Castro Neves.

●● Que o filme *Lisboa*, de Leitão de Barros, vai ser expurgado de certas imagens, acrescentando-se-lhe outras, a fim de ser exibido no Brasil.

●● Que foi incumbido da expurgação e dos acrescentamentos o sr. António Lopes Ribeiro.

●● Que seria de todo o ponto plausível que essa nova edição de *Lisboa* fosse exibida da capital, antes de seguir para o Rio de Janeiro.

●● Que não é verdade que a empresa do Politeama tenha desistido definitivamente de explorar as exhibições cinematográficas.

«A Pandilha»

Os pequenos actores que compõem «A Pandilha», e cujos retratos ilustram a nossa dupla página central, são:

Em cima, à esquerda: Farina; à direita: Joe Cobb; em baixo, da esquerda para a direita: Harry Spear; Mary Ann Jackson e Jean Darling.

xeram o seu concurso há de engrossar e triunfará por fim. E isso não obstante a opposição que lhes façam os tralhas que ganham a vida como marçanos em mercearias de filmes com generos avariados, e chamam desdenhosamente merceeiros aos outros...